

RESSIGNIFICANDO O SEMIÁRIDO: A VISÃO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE UMA ESCOLA NA ZONA NORTE DE NATAL/RN

Aldeíze Bonifácio da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: aldeizebs@hotmail.com

Antônio Virginio Martins Neto

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: antonioneto_geo@hotmail.com

Resumo

O presente artigo, de cunho educacional, objetiva compreender a percepção que alunos da Educação Básica de Natal/RN possuem sobre o semiárido potiguar. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e empírica. A atividade de campo ocorreu na Escola Estadual Professor Antônio Fagundes, localizada na zona administrativa norte de Natal, e teve como público-alvo alunos do Ensino Fundamental - Anos Finais. Os resultados demonstram que o semiárido é uma construção vaga para os alunos, que não conseguem articular as informações do livro didático à realidade deste território, assim como acionar os conceitos geográficos para compreender o semiárido enquanto parte integrante do Rio Grande do Norte. O imagético predominante reforça os estereótipos criados e disseminados pelos meios de comunicação, sendo necessário trabalhar o “semiárido enquanto lugar” dando sentido ao semiárido como região.

Palavras-chave: Percepção; Semiárido potiguar; Imagético; Ressignificação.

RESIGNIFYING THE SEMIARID: THE VIEW OF BASIC EDUCATION STUDENTS FROM A SCHOOL IN THE NORTHERN ZONE OF NATAL/RN

Abstract

This article, which is a study in the educational field, aims to understand the perception that Basic Education students in Natal/RN have about the Potiguar semi-arid region. The methodological procedures used were bibliographic and empirical research. The field activity took place at the Teacher Antônio Fagundes State School, located in the northern administrative zone of Natal, and was aimed at elementary school students. The results demonstrate that the semi-arid region is a vague construct for the students, who are unable to articulate the information in the textbook with the reality of this territory, or to use geographical concepts to understand the semi-arid region as an integral part of Rio Grande do Norte. The predominant imagery reinforces the stereotypes created and disseminated by the media, and it is necessary to work on the “semi-arid as a place”, giving meaning to the semi-arid as a region.

Keywords: Perception; Potiguar semi-arid region; Imagery; Re-signification.

RESIGNIFICANDO EL SEMIÁRIDO: LA VISIÓN DE ALUMNOS DE LA EDUCACIÓN BÁSICA DE UNA ESCUELA EN LA ZONA NORTE DE NATAL/RN.

Resumen

Este artículo, que es un estudio en el campo de la educación, tiene como objetivo comprender la percepción que los estudiantes de la Educación Básica de Natal/RN tienen de la región semiárida de Rio Grande do Norte. Los procedimientos metodológicos utilizados fueron la investigación bibliográfica y empírica. La actividad de campo tuvo lugar en la Escuela Estatal Profesor Antônio Fagundes, situada en la zona administrativa norte de Natal, y estuvo dirigida a alumnos de la Educación Básica - Años Finales. Los resultados demuestran que el semiárido es una construcción vaga para los estudiantes, que no logran articular la información del libro de texto con la realidad de este territorio, ni utilizar conceptos geográficos para comprender el semiárido como parte integral de Rio Grande do Norte. El imaginario predominante refuerza los estereotipos creados y difundidos por los medios de comunicación, siendo necesario trabajar en el “semiárido como lugar” dando sentido al semiárido como región.

Palabras-clave: Percepción; Semiárido potiguar; Imagético; Resignificación.

Introdução

O semiárido brasileiro é um recorte espacial, denominado de região, que apresenta características heterogêneas, entretanto, toda a sua diversidade biológica, humana e geoambiental é negada quando consideramos a construção de um imagético estereotipado e historicamente construído e disseminado na literatura, na pintura e no cinema que reproduz “um ideário árido marcado por adversidades, [...] onde fome, miséria, morte, [escassez hídrica] e imigração” (Simas; Paiva, 2016, s/p) homogeneízam a região.

Segundo Simas e Paiva (2016), essa imagem do semiárido brasileiro, e sobretudo, nordestino, povoou e ainda povoa o imaginário de grande parte da população brasileira, com consequências para o desenvolvimento econômico, a representação social e a identidade territorial do semiárido, reconhecido como uma grande “região problema” na qual não existe nada além da seca.

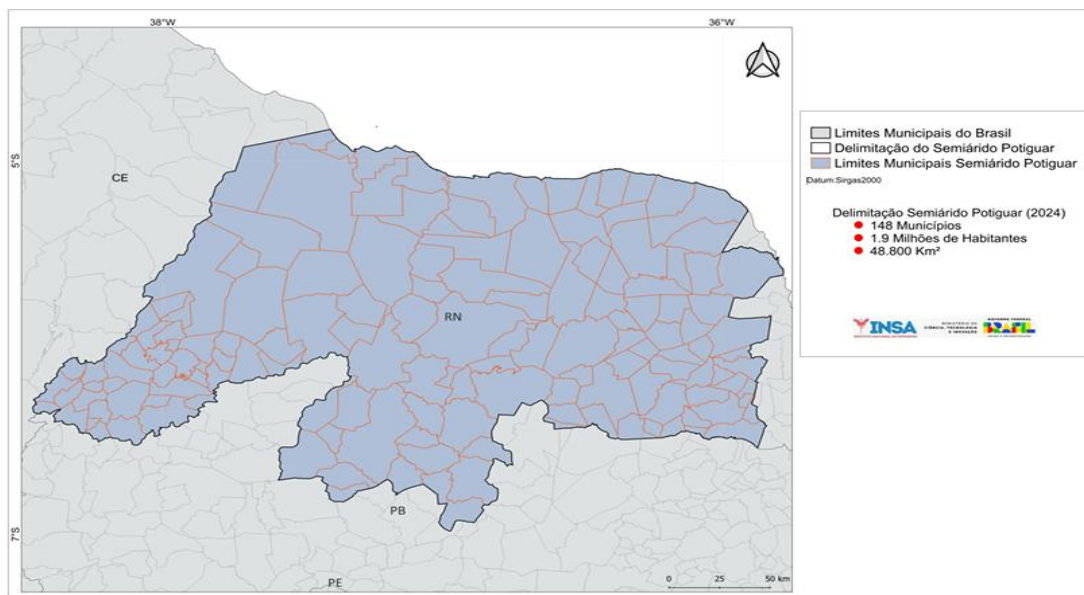
Dessa visão do semiárido como “região problema” emerge uma plataforma política de combate à seca, com a adoção de soluções hidráulicas (construção de açudes e barragens) e assistencialismo à população flagelada (Diniz; Piraux, 2011), substituída, posteriormente, pela corrente vigente na qual temos a proposta de “convivência com o semiárido”, associada a uma identidade de resistência pautada na formação de um novo corpo social que atue como protagonista na construção de uma nova prática política e ambiental na região (Diniz; Piraux,

2011), sendo o âmbito escolar/educacional um dos pontos de partida para a construção de novos olhares sobre o semiárido.

Todavia, quando consideramos a construção e a disseminação do imaginário sobre o semiárido, os materiais didáticos, trabalhados outrora, e na atualidade, “não contribuem para a ruptura da imagem estereotipada do semiárido e de sua população” (Hofstatter; Oliveira; Souto, 2016, p. 616), o que se torna uma questão sensível no âmbito educacional, tendo em vista que a função da escola é promover a formação integral do aluno, de forma que o mesmo possa pensar criticamente a relação sociedade-natureza em suas múltiplas dimensões (política, econômica, cultural e geoambiental).

Segundo Pereira Neto e Saraiva (2020, p. 10), “o pouco conhecimento das condições geoambientais do semiárido é um entrave ao desenvolvimento sustentável e a luta contra a (in)justiça ambiental” na região. Assim, cabe às instituições de ensino mudarem essa realidade, sobretudo quando consideramos a extensão do semiárido brasileiro e o quantitativo de territórios que a constitui, incluindo o estado do Rio Grande do Norte, que possui quase a sua totalidade, 147 dos seus 167 municípios, classificados como semiárido, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1. Mapa de delimitação do semiárido potiguar.



Fonte: INSA (2024).

O semiárido potiguar está localizado próximo à linha do Equador, apresentando um clima semiárido dominante, com ocorrência de poucas chuvas, com índices pluviométricos entre 400 a 600 mm, concentrados nos quatro primeiros meses do ano, e uma temperatura média que varia entre 22,5 °C e 33,7 °C. É uma região propícia a secas severas, com uma biodiversidade marcada por espécies xerófilas, na sua maioria caducifólias com estratificação arbórea arbustiva, de porte pequeno e rasteiro, espinhosas, sendo a caatinga a sua vegetação predominante (Castro, 2023).

Todavia, o semiárido potiguar vai além das suas características físico-naturais, apresentando uma variedade de atividades econômicas como, por exemplo, a pecuária e a mineração no Seridó e a fruticultura irrigada no Vale do Açu (Pereira Neto, Saraiva, 2020). Situação que reforça o papel da geografia escolar na resignificação desse território, com a sua reconstrução identitária e a possibilidade de contribuir com estratégias que combatam visões de mundo impostas, “que buscam monopolizar cultural, política e economicamente uma região bastante diversa” (Meneses, 2020, p. 356).

Para combatermos o imagético hegemônico no qual o semiárido é uma “terra hostil” à sobrevivência humana, uma “região problema”, é necessário compreendermos que existem “semiáridos”, que se conformam a partir da combinação do fator natural e humano, sendo que este último está em constante transformação em consonância com o atual mundo globalizado, havendo mudanças nas relações de gênero, identidade, consumo, estilos de vida (Meneses, 2020), que não são representados pelos estereótipos imagéticos criados para essa região, e que as questões que perpassam o semiárido envolvem toda a sociedade, independentemente de habitarem ou não uma porção do semiárido propriamente dito.

Isto posto, a nossa problemática de pesquisa emerge da própria extensão territorial do semiárido potiguar (Figura 1), que ressalta a importância das discussões sobre este território e a construção ou resignificação da identidade territorial dessa região, sobretudo, quando consideramos o semiárido potiguar e a faixa litorânea que coexistem no estado. As características físico-naturais presentes nestes recortes espaciais demandam um olhar diferenciado, e necessário, para trabalhar esse temário com os diferentes públicos na Educação Básica, para promover a formação de atores sociais que possam contribuir com o desenvolvimento (político, econômico e social) efetivo da região. Assim, nossa questão de pesquisa é: como estudantes da Educação Básica de uma escola da Zona Norte de Natal/RN percebem o semiárido potiguar?

Nessa perspectiva, a pesquisa justifica-se pela necessidade de ressignificação do semiárido frente a concepção de sustentabilidade que sustenta o discurso vigente de convivência nesta região, tendo em vista a formação dos alunos enquanto atores sociais e políticos que irão atuar na renovação desse território seja no plano econômico, com o desenvolvimento de projetos ou participação nas atividades econômicas, seja na reconstrução das identidades sociais e territoriais. O que corrobora com autores como Silva, Albino e Ramalho (2022), que defendem que trabalhar a questão da percepção com os alunos permite que os discentes repensem suas práticas cotidianas em busca de soluções para os problemas socioambientais da sociedade contemporânea.

A pesquisa traz um olhar sobre o processo de ensino-aprendizagem de alunos que residem em áreas litorâneas na construção de conhecimentos sobre o semiárido, pois conhecer a percepção dos estudantes é fundamental para a conformação de práticas educativas significativas que promovam a criticidade, além de contribuir com o planejamento e a reflexão pedagógica de futuras abordagens sobre o semiárido na Educação Básica. Perspectiva defendida por autores como Silva e Camelo (2024), que pontuam a percepção diferencial que os indivíduos possuem sobre ambientes historicamente dicotômicos como zona urbana e zona rural, sertão e litoral, e a necessidade de sensibilização da sociedade sobre problemáticas ambientais que estão distantes do seu recorte espacial de interação cotidiana, do qual emerge a sua percepção ambiental propriamente dita.

Portanto, partindo da premissa de que existem “semiáridos” e que há necessidade de se trabalhar diferencialmente a questão semiárida nos diferentes recortes espaciais, o presente trabalho objetiva compreender a percepção que alunos da Escola Estadual Professor Antônio Fagundes, em Natal/RN, possuem sobre o semiárido potiguar. Para tanto, buscamos identificar os imaginários hegemônicos e estereótipos associados ao semiárido potiguar entre os estudantes e verificar o conceito geográfico associado à conformação do semiárido no imaginário dos alunos, a saber: região ou lugar. O semiárido como região, um recorte espacial que agrupa áreas com características semelhantes e intrínseca a geografia escolar, tendo em vista, que é assim que o semiárido é trabalhado tradicionalmente em sala de aula ou o “semiárido enquanto lugar”, em uma referência aos municípios potiguares que os discentes conhecem ou estão familiarizados e se remete a ideia de singularidade e relações identitárias mais próximas de suas vivências. O lugar que é visitado nas férias escolares, o lugar onde residem membros da família, o lugar originário de seus ancestrais.

Caminhos metodológicos

Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e empírica. A pesquisa bibliográfica ocorreu a partir da leitura de autores que versam sobre o semiárido e suas questões socioambientais e sobre a percepção enquanto ferramenta de análise de problemáticas ambientais vinculadas aos estudos educacionais. Dentre os autores consultados estão: Silva e Camelo (2024), Silva, Albino e Ramalho (2022), Santos (2020), Pereira (2016), Diniz e Piraux (2011), Cavalcanti (2010; 2011), Castrogiovanni (2007), Silva (2003), Kaercher (1996), Tuan (1980), entre outros.

No que tange à pesquisa empírica, foram aplicados presencialmente, questionários semiestruturados, entre os meses de abril e maio de 2025, com as turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Antônio Fagundes, localizada no bairro Potengi (Figura 2), zona administrativa norte de Natal. A escolha do público-alvo do estudo decorre do fato de que o território brasileiro e suas características são um assunto que faz parte do conteúdo programático que perpassa o 7º ano. Além disso, o levantamento bibliográfico envolvendo a temática geografia escolar e percepção do semiárido apontam uma recorrência de pesquisas que focam nos discentes dessa etapa da Educação Básica, sendo o nosso trabalho um contraponto aos estudos realizados ao focar alunos que não residem na região semiárida em detrimento dos demais estudos que focam em discentes que habitam regiões semiáridas.

Figura 2. Mapa de localização da instituição de ensino - campo de pesquisa.



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Para analisarmos os dados obtidos com os questionários aplicados recorreremos à análise de conteúdo, uma abordagem qualitativa indicada para “analisar dados provenientes de comunicações, buscando compreender os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum” (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021, p. 99), podendo ser aplicada de forma quali-quantitativa, usando a abordagem qualitativa, mas com o emprego de dados estatísticos, e apresentados por gráficos de setores.

No que concerne à estruturação teórico-metodológica, parte-se dos conceitos de região e de lugar como construtos base das reflexões sobre a percepção de alunos que não residem no semiárido, sobre a região semiárida. Abordar esses dois conceitos em um mesmo estudo decorre da necessidade de trabalhar a geografia escolar como ela se manifesta nos livros didáticos, trazendo o semiárido como uma região, e ressignificá-la, contextualizando-a de forma a propiciar uma aprendizagem significativa ao aproximar o semiárido das vivências e experiências *in loco* ou não, dos alunos, o semiárido enquanto municipalidade, um recorte espacial visitado, conhecido ou lembrado por interações diversas. Perspectiva defendida por autores como Carneiro (2018), em sua tese de doutorado, para quem pensar o semiárido para além dos limites de uma região, é entender que o lugar possui um caráter interescalar e o lugar e a cultura são elementos indissociáveis em uma região.

A percepção enquanto ferramenta de resignificação do semiárido

A noção de região semiárida é resultante de um construto discursivo no qual predominam os aspectos naturais, sobretudo, os fatores climáticos e suas consequências, a seca e a escassez hídrica, em detrimento dos aspectos políticos e históricos que o perpassam, sendo a mídia, os governantes, as instituições de ensino e as artes responsáveis pela sua disseminação (Mota, 2009).

Todavia, ao contrário do entendimento geral, a deficiência hídrica associada a esse território não ocorre por falta de precipitação propriamente dita, e sim, porque o potencial de evapotranspiração na região é maior do que as precipitações. Nesse contexto,

O clima do semiárido foi estereotipado e a ele se incutiu a culpa pelos principais problemas sociais existentes ao longo da história dessa região, as elites políticas e intelectuais conduziram um discurso que escamoteou, durante muito tempo, a ausência de políticas sociais adequadas para o desenvolvimento regional. A seca e a miséria foram consideradas naturais do clima, o que levou a uma naturalização dos problemas das sociedades que se desenvolveram em interação com esse meio (Melo, 2011, s/p)

Logo, considerando que não há uma uniformidade climática, pois as precipitações variam no tempo, no espaço e em volume, a região apresenta características heterogêneas, diferindo do construto imagético criado para o semiárido enquanto uma homogeneidade. A rigor, o semiárido brasileiro apresenta uma diversidade de paisagens que perpassam os seus 1.262 municípios, sendo necessário pensar a convivência com o semiárido na perspectiva de uma sustentabilidade socioambiental específica para cada municipalidade (Silva, 2003).

Pereira (2016, s/p) ressalta a necessidade de resignificar as representações territoriais do semiárido, fazendo com que “saíam de cena os solos rachados e uma população faminta para dar lugar ao semiárido que, se bem cuidado, pode ser verde e produtivo”. Premissa que corrobora com a concepção vigente de convivência com o semiárido, que se remete a um processo de construção e de experimentação de alternativas apropriadas para se viver com as especificidades ambientais do semiárido integradas ao desenvolvimento sustentável da região (Diniz; Piraux, 2011).

Nessa perspectiva, a geografia escolar se conforma como um instrumento de desmistificação paradigmática, propiciando uma compreensão mais ampla da complexidade do semiárido ao discutir os contrastes, a diversidade e toda a riqueza presente nesta região.

Dimensões que foram historicamente negadas e que agora possuem como aliadas os estudos de percepção para a reconstrução identitária ou imagética do semiárido.

A percepção ambiental pode ser definida como um processo de interação do indivíduo com o meio ambiente mediante mecanismos perceptivos e cognitivos que se iniciam com a percepção direta, multissensorial e seletiva do ambiente, na qual o indivíduo seleciona, segundo as suas experiências, conhecimentos prévios, valores e expectativas, as diversas informações existentes no ambiente que o cerca o significando/ressignificando (Silva, Sartori e Wollmann, 2014).

Em suma, a percepção do ambiente é um importante instrumento e fonte de pesquisa para a compreensão dos processos que atuam no ensino-aprendizagem e nas mudanças de crenças, atitudes, valores e ações humanas em relação ao ambiente onde as pessoas vivem, pois como expõe Santos (2000), a ressignificação ou desconstrução de estereótipos decorre do fato da percepção ambiental não ser algo imutável, podendo ser alterada quando o sujeito interage com o meio circundante ou é induzido a olhar ou sentir de outra maneira

Assim, identificar a percepção dos estudantes sobre o semiárido se torna fundamental para a formulação de práticas educativas significativas, que formem cidadãos críticos, conscientes do mundo que os cercam e das ramificações inerentes ao seu papel enquanto parte da sociedade, ressignificando o lugar que habitam e os lugares que não fazem parte do seu campo de vivência.

O semiárido sob a perspectiva de não residentes do lugar: uma (re)construção necessária

Para Diniz e Piraux (2011, p. 229) “a ideia de convivência com o semiárido caracteriza-se como uma perspectiva cultural orientadora de processos emancipatórios, de expansão das capacidades criativas e criadoras da população da região”. Nessa perspectiva, a apreensão da percepção dos alunos da Educação Básica sobre o semiárido se consolida como um mapeamento situacional de “capacidades criativas e criadoras futuras”, tendo em vista que os jovens egressos da Educação Básica irão adentrar o mundo do trabalho intervindo no lugar, nas regiões, nos territórios, sejam eles recortes espaciais ligados a suas origens ou não, conforme as suas competências e habilidades.

A própria noção de percepção, muitas vezes fundamentada em Tuan (1980), está associada à experiência vivida, ou seja, à percepção que cada indivíduo tem sobre um dado ambiente, seja ele natural ou artificial, que vai depender da sua cultura, das suas experiências e visão de mundo, se remetendo diretamente à escala do lugar. O que reflete estudos de percepção que sempre exploram a perspectiva dos indivíduos que residem ou vivenciam uma determinada área, se apropriando do imagético construído *in loco*.

Dessa forma, quando consideramos alguns dos estudos sobre a percepção do semiárido, desenvolvidos na educação, as análises e intervenções são majoritariamente realizadas com alunos que residem em territórios que fazem parte da região semiárida, desconsiderando a importância dos processos formativos e a da percepção daqueles que não habitam a região, e não convivem diretamente com a dinâmica socioambiental semiárida, mas são consumidores dos discursos imagéticos midiáticos que estereotipam a região.

Assim, a dialética entre residentes e não residentes de municipalidades que fazem parte da região semiárida se torna urgente, sobretudo, quando consideramos territórios estaduais como o Rio Grande do Norte, que apresenta a coexistência do ambiente semiárido (mesorregiões do Oeste-Potiguar, Central-Potiguar e Agreste Potiguar) com o litoral (zona costeira, Leste Potiguar).

Nesse sentido, a resignificação do semiárido, com a construção de novos imagéticos para a região, perpassa um trabalho de conscientização e sensibilização contínuo desde a Educação Básica, que foque não apenas nos residentes do lugar, mas em todos os indivíduos que fazem parte da sociedade, adquirindo um novo olhar sobre aqueles que não residem no semiárido e são mais suscetíveis aos discursos vigentes que estigmatizam e estereotipam a região e a sua população.

Trabalhar a problemática do semiárido a partir da percepção dos alunos que não residem na região é também uma forma de construir uma nova subjetividade coletiva que promova novas formas de ação (Silva, 2003) e viabilize a premissa vigente de convivência com o semiárido pautada na sustentabilidade socioambiental.

A conformação de uma nova subjetividade que ressignifique essa região, cheia de contrastes e diversidade, passa pela construção de novos processos pedagógicos que compreendam e estudem a percepção ambiental para além de um campo restrito de apreensão, o lugar vivido, experienciado, considerando o “lugar imagético construído”, aquele que não habitamos, mas conhecemos por discursos e informações que nos levam a este “lugar”.

A geografia escolar, trabalha tradicionalmente o semiárido enquanto região, o que acaba reforçando ideias homogeneizantes que se associam facilmente aos estereótipos midiáticos criados. Todavia, para aqueles alunos que residem no semiárido, a região semiárida é o lugar vivido, heterogêneo, rico em diversidade, na qual a identidade territorial é claramente construída.

Os discentes que residem no semiárido percebem a natureza e o ambiente em que vivem de forma mais clara, apreendendo do real as contradições inerentes à exploração econômica e a concentração fundiária que aliadas às características naturais do território corroboram com os índices econômicos da região. Cabe às instituições de ensino e aos docentes, possibilitar uma compreensão mais ampla da complexidade do semiárido aos estudantes que conhecem a região apenas por discursos midiáticos e livros didáticos que abordam, muitas vezes, apenas um viés da realidade.

Dessa forma considerar o semiárido um lugar, não é renegar a sua conformação enquanto região, e todo o arcabouço epistemológico que perpassa os conceitos basilares da ciência geográfica, mas sim, discutir com um público que não conhece o semiárido, as distintas porções desse vasto território a partir das suas particularidades, trazendo a discussão para o âmbito do lugar, pois cada município que constitui o semiárido tem uma relação única com o que configura a totalidade da região semiárida.

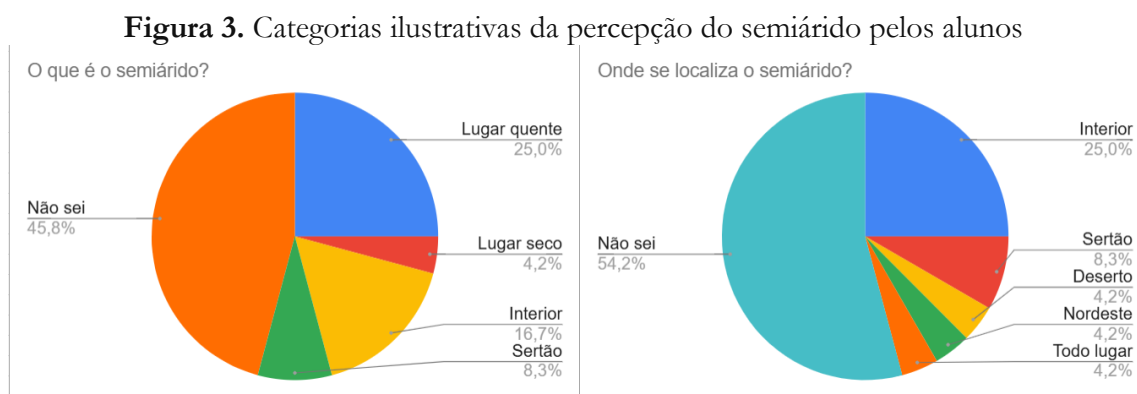
Nessa perspectiva, Cavalcanti (2010, p. 7) aponta que respeitando-se o nível de abstração e cognição dos discentes, na dialética entre os distintos recortes espaciais que marcam a realidade contemporânea, devemos trabalhar “o lugar não só como localização de algo e como experiência cotidiana, familiar, identitária, mas também como a instância que permite perceber diferenciações, fazer comparações e compreender processos que evidenciam as relações entre o local e o global”.

Realidade em foco: a percepção do semiárido dos alunos da Escola Estadual Professor Antônio Fagundes

A Escola Estadual Antônio Fagundes atende alunos entre 4 e 17 anos, distribuídos em dois turnos, sendo o Ensino Fundamental - Anos Iniciais ofertado no turno matutino e o Ensino Fundamental - Anos Finais no vespertino. O público atendido transita, majoritariamente, entre uma população de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social, enfrentando problemas comuns a todas as instituições de ensino contemporâneas,

como a violência, a indisciplina e, em muitos casos, responsáveis ausentes no que tange a parceria escola-família. Problemas que se tornam mais recorrentes quando consideramos a localização da escola, na divisa entre os bairros Potengi e Nossa Senhora da Apresentação, e o público que ela atende, da comunidade do Sarney, do Nova Natal, do Nordelândia, entre outras circunvizinhas (Conforme a Figura 2).

Em relação aos resultados da pesquisa, primeiramente aplicamos um questionário de validação com 24 discentes do 8º ano, e posteriormente, foram aplicados 29 questionários a alunos do 9º ano. Cabe salientar que a instituição conta com uma turma de 8º ano e duas de 9º ano. De maneira geral, observamos que os alunos sentiram dificuldades em responder às questões por falta de uma base conceitual e espacial sobre o semiárido. O que pode ser percebido na análise dos 24 questionários aplicados na turma de 8º, nos quais as respostas das questões abertas se resumiram a não lembro, não sei, conforme expresso na Figura 3. As questões perguntavam: O que é o semiárido? Onde se localiza a região semiárida no Brasil?



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Com base nas respostas dos alunos, sem estes terem sofrido qualquer tipo de direcionamento, o semiárido aparece como um lugar quente, seco, o interior ou o sertão, não havendo uma precisão quanto a sua localização espacial, tendo em vista que apenas um aluno aponta pelo menos a região Nordeste como localização do semiárido. Todavia, com a aplicação dos questionários com alternativas, ou seja, direcionado, os alunos identificaram o semiárido como “uma área com clima seco e pouca chuva”, localizado “no Nordeste e em parte de Minas Gerais” como podemos visualizar no Quadro 1.

Quadro 1. Respostas dos alunos sobre a definição e localização do semiárido

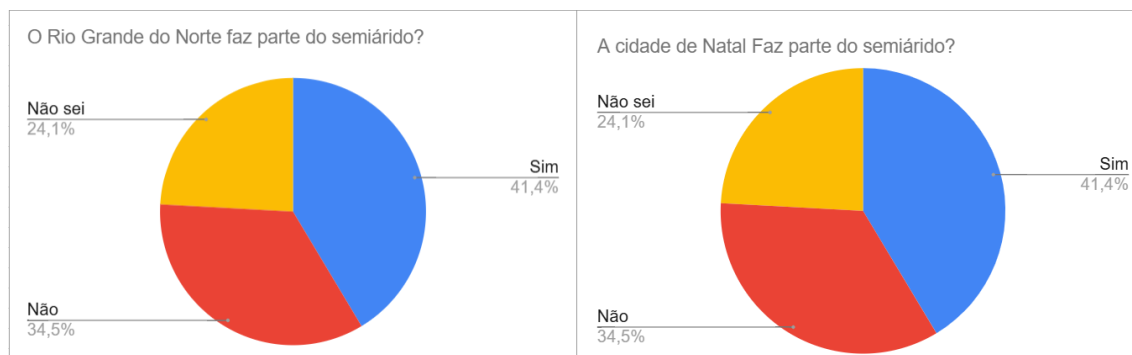
Alternativas/Pergunta	O que é o semiárido?		
Uma região com muita chuva o ano todo	Uma área com clima seco e pouca chuva	Um lugar coberto por florestas	Não sei
0	27	0	2
Alternativas/Pergunta	Onde se localiza o semiárido no Brasil?		
No Sul do país	No Nordeste e parte de MG	Na Amazônia	Não sei
1	24	1	3

Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Dessa forma, a percepção dos alunos em relação ao semiárido limita-se, predominantemente, a aspectos climáticos, como a escassez pluviométrica e a aridez, características marcantes da região. No entanto, outros elementos morfoclimáticos fundamentais — como a vegetação adaptada (Caatinga), a composição pedológica dos solos e a dinâmica hidrográfica intermitente — são pouco mencionados ou mesmo negligenciados no discurso discente.

Ainda quando consideramos a espacialização do semiárido, perguntamos aos alunos se o Rio Grande do Norte faz parte da região semiárida e se a cidade de Natal faz parte do semiárido, obtendo os resultados apresentados na Figura 4. Fizemos duas perguntas na mesma categoria, espacialização, visando não somente apreender o nível de orientação dos alunos, mas também as relações que eles poderiam estabelecer para responder às perguntas, fazendo comparações, por exemplo, sobre clima, temperatura, índice pluviométrico e vegetação, que eles observam no real, já que residem em Natal e a imagem que eles possuem do semiárido, como outrora citado, perpassa altas temperaturas e clima seco.

Figura 4. Respostas dos alunos com relação a localização do semiárido



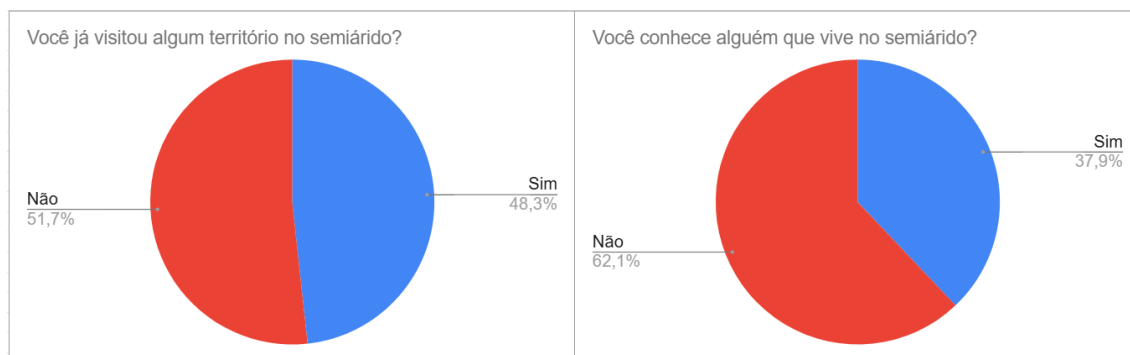
Fonte: Elaboração dos autores (2025).

As respostas dos alunos apresentadas na Figura 4 enfatizam a importância de se começar a trabalhar com a realidade local/regional dos discentes para que, a partir daí, possamos introduzir os elementos conceituais e fazer as articulações entre os fenômenos geográficos em outras escalas. O que corrobora com a perspectiva de Cavalcanti (2010, p. 7) que defende a relevância de “apontar evidências do lugar não só como localização de algo e como experiência cotidiana, mas também como a instância que permite perceber diferenciações e compreender processos entre o local e o global”.

Portanto, é necessário aproximar o “semiárido” dos discentes, fazendo a região ter sentido e refletir uma aprendizagem significativa. A não vinculação do aluno com o “semiárido enquanto lugar” faz com que o assunto abordado no 7º ano seja facilmente esquecido, conforme demonstrado pela pesquisa. Situação que perpassa tanto a questão da seleção de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula quanto o nível de aprofundamento dado às discussões frente ao calendário escolar e ao conteúdo programático anual de geografia.

Partindo da premissa que a ciência geográfica possui uma linguagem própria, pautada em conceitos específicos, e que a operacionalização desses conceitos permite a leitura e a compreensão do espaço geográfico como totalidade (Kaercher, 1996), buscamos estabelecer ligações em um movimento de aproximação entre o “semiárido região” e o “semiárido enquanto lugar” indagando aos alunos se eles já visitaram algum território no semiárido e/ou se eles conheciam alguém que vive na região, obtendo os dados apresentados na Figura 5, onde a maioria dos alunos afirma não conhecer algum território semiárido ou alguém que resida no mesmo, em detrimento daqueles que associam alguma espacialidade ao semiárido no território potiguar ou para além dele.

Figura 5. Grau de aproximação dos alunos com o semiárido



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Em síntese, os resultados obtidos indicam a necessidade de trabalhar com mais assiduidade os conceitos basilares da geografia na Educação Básica, tendo em vista que “a formação de conceitos geográficos é uma habilidade essencial para a compreensão da realidade para além de sua dimensão empírica” (Cavalcanti, 2011, p. 201), e que o grupo de alunos participantes da pesquisa não conseguiram, em sua maioria, articular os conceitos geográficos e perceber que a região semiárida faz parte do estado que eles residem.

Dentre os discentes que conseguiram associar o semiárido ao território potiguar surgiram as seguintes referências espaciais no Rio Grande do Norte: São Pedro, São Tomé, Baía formosa, Monte Alegre, Jardim do Seridó e Mossoró (2 vezes). Além desses, foram citados os municípios de Formigueiro (RS), Araruna (PB) e Baía da Traição (PB), e os estados da Paraíba (3 vezes) e Goiás, apesar dos alunos não lembrarem o nome do lugar que visitaram.

Destarte, a associação dos municípios citados com o semiárido tem origem, sobretudo, no “semiárido enquanto lugar” vivido, experienciado, no qual eles realizam visitas periódicas a familiares que residem nesses territórios, como tios, primos, bisavós, em detrimento daqueles que citaram como referência viagens/passeios realizados em família. O que reforça a necessidade de articular os conhecimentos empíricos dos alunos às discussões em sala de aula.

Discutir o semiárido a partir dos municípios visitados/conhecidos pelos discentes possibilita uma maior contextualização do assunto estudado, assim como, um maior engajamento a partir da troca de informações entre os próprios educandos, dando sentido a região para alunos que não vivenciam o semiárido.

Nessa perspectiva, Castrogiovanni (2007, p. 43) salienta que “a geografia escolar, mais do que nunca, deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidade e com as suas múltiplas aproximações; eles devem saber operar o espaço!”, sendo necessário exercitar essa habilidade cotidianamente no contexto escolar e levar em consideração que a percepção espacial resulta, também, das relações afetivas e de referenciais socioculturais.

No que tange a dimensão socioambiental, procuramos apreender a percepção dos estudantes em relação ao modo de vida da população que reside no semiárido, tentando estabelecer um paralelo entre a imagem mental do ambiente físico-natural construída pelos alunos e a vida da população associada a essa construção pelos discentes. Nesse contexto, os alunos percebem o semiárido, majoritariamente, como um lugar seco e quente que apresenta uma vegetação peculiar e uma vida desafiadora para a sua população devido à questão hídrica, conforme exposto no Quadro 2. Ressaltamos que os alunos poderiam marcar mais de uma alternativa para responder às questões apresentadas no quadro 2.

Quadro 2. Resposta dos alunos sobre as características do semiárido e o modo de vida da sua população

Alternativas/Pergunta		Quais características você associa ao semiárido?		
Clima seco e quente	Vegetação com cactos e plantas resistentes	Chuvras raras e irregulares	Rios e lagos cheios o ano todo	Solo fértil para qualquer plantação
28	11	6	1	6
Alternativas/Pergunta		Como você acha que é a vida da população no semiárido?		
Fácil, pois há muitos recursos naturais	Desafiadora, por causa da falta de água	Igual à vida em outras regiões	Não sei	Deixou sem marcar
1	24	2	1	1

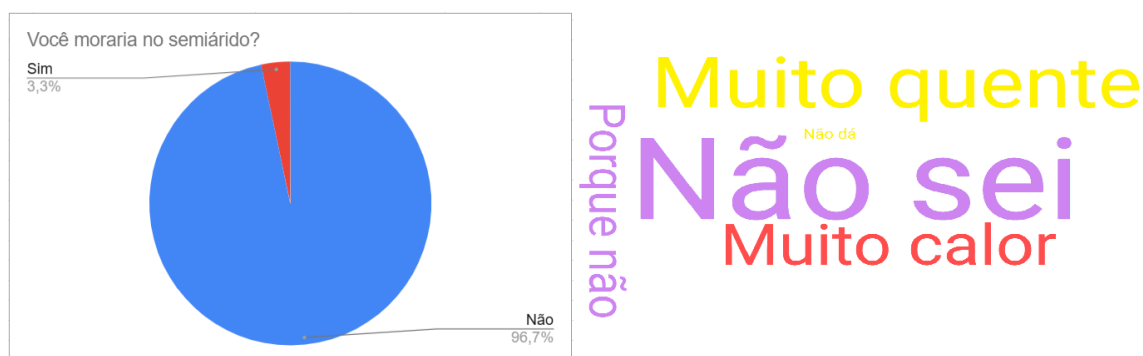
Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Um aspecto interessante sobre os dados obtidos é a recorrência entre os alunos da resposta não sei, mesmo quando existem alternativas a serem escolhidas. O que nos remete a uma falta de comprometimento com a realização do questionário ou a uma insegurança em relação aos seus próprios conhecimentos. Após responderem ao questionário, muitos dos

alunos compararam as respostas com os colegas num movimento de confirmação ou autoafirmação sobre os seus conhecimentos, tendo aqueles que comentaram que ficaram na dúvida sobre alguma questão e resolveram colocar não sei ou não responder.

Considerando o imagético construído pelos alunos sobre o semiárido, questionamos se eles morariam na região e o porquê da sua resposta, obtendo os resultados apresentados na Figura 6. A maioria dos estudantes percebe esse território como um lugar inviável à permanência prolongada deles devido às altas temperaturas, tendo em vista que estão acostumados a um clima mais ameno. Apenas um aluno afirmou que moraria no semiárido, pois “acha bonita a região”, o que nos remete às características do meio físico-natural, sem considerar os aspectos socioeconômicos associados a tal perspectiva. Em suma, os alunos sentiram dificuldade em opinar sobre essa possível escolha de vida, “morar no semiárido”, evidenciando o pouco conhecimento que eles possuem sobre as características da região e consequente a falta de fundamentos que auxiliam na tomada de decisão, mesmo que hipotética.

Figura 6. Projeção futura de residir ou não na região semiárida e justificativas.



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Ainda considerando a imagem que os discentes possuem sobre o semiárido, perguntamos qual mensagem eles deixariam para os indivíduos que moram nessa região. Cabe frisar que 10 dos 29 alunos deixaram em branco a questão. Dentre as mensagens deixadas, podemos perceber que uma concepção negativa do semiárido é predominante no discurso dos alunos, conforme exposto no Quadro 3.

Quadro 3. Mensagens deixadas pelos alunos para residentes no semiárido

Mensagem deixada	Recorrência	Mensagem deixada pelos	Recorrência
------------------	-------------	------------------------	-------------

pelos discentes		discentes	
Fuja!	4 vezes	Vem morar em Natal.	2 vezes
Beba água!	4 vezes	Vai para outro lugar.	2 vezes
Sai desse deserto.	3 vezes	Não fique agoniado com o calor.	1 Vez
Sai desse lugar.	2 vezes	Coma bastante cuscuz.	1 Vez

Fonte: Elaboração dos autores (2025).

As mensagens se associam a imagem mental físico-natural da região criada pelos discentes, que reflete o discurso do “semiárido como ambiente hostil” a ocupação e sobrevivência humana, sendo uma alternativa para a população no imaginário dos alunos residirem em Natal, não considerando na sua proposição o vínculo com o lugar e a atividade de subsistência desenvolvida por esses indivíduos no seu lugar de origem, que poderia não ser compatível com a que conseguiria desenvolver em Natal.

No que tange à palavra-chave que sintetiza o semiárido na percepção dos alunos, elas se remetem às características físico-naturais do ambiente, conforme exposto na Figura 7. Dentre as palavras elencadas pelos alunos, temos: seco, quente, seca, sertão, nordeste, sol, calor, triste e complicado. Temos uma associação às condições de temperatura e precipitação na região e também menções subjetivas ao semiárido, ligadas a sentimentos de tristeza e dificuldades.

Figura 7. Resultado da nuvem de palavras geradas a partir de palavras-chaves que representam o semiárido na visão dos alunos



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Mais uma vez observamos a recorrência da resposta não sei, que se por um lado pode nos remeter a insegurança dos alunos frente os seus próprios conhecimentos, evidencia a necessidade de se trabalhar o semiárido em todos os anos da Educação Básica - Anos

Finalis, para desmistificar noções estereotipadas e preconceituosas sobre a região e a vida da sua população que perpassa, por exemplo, as mensagens direcionadas aos seus residentes deixadas pelos alunos, que refletem generalizações de algo que pouco conhecem, ou como enfatiza Kaercher (1996, p. 113), “a simplificação de uma realidade que é sempre complexa”.

Em síntese, combater a construção identitária subliminar evidenciada na “fala” dos alunos requer um trabalho menos superficial sobre a região semiárida na sala de aula, de modo que os alunos possam confrontar suas próprias visões sobre o semiárido e ressignificar esse território diverso e cheio de riquezas.

Considerações finais

Os resultados obtidos na pesquisa demonstram que a visão que os alunos da Escola Estadual Antônio Fagundes possuem sobre o semiárido ainda é uma visão majoritariamente estereotipada, cheia de preconceitos. Esse imagético construído resulta da falta de familiaridade com a região, associada a abordagens que não trazem o semiárido para uma discussão mais próxima dos alunos, na qual poderíamos, por exemplo, trabalhar o “semiárido enquanto lugar”, municipalidades conhecidas e vivenciadas em visitas a familiares ou passeios em família. O que daria significado ao estudo da região e ressignificaria os construtos criados a partir de discussões rápidas e descontextualizadas quando trabalhamos o semiárido ao falar sobre as características físico-naturais do território brasileiro.

A análise dos dados revela que as representações sociais construídas pelos alunos sobre o semiárido reproduzem um imaginário colonial, que historicamente caracterizou o Nordeste brasileiro como espaço do "atraso" e da "carência". Essa visão reducionista:

1. Oculta o potencial econômico da região como, por exemplo, outrora citado, a mineração no Seridó e a fruticultura irrigada no Vale do Açu;
2. Ignora manifestações culturais emblemáticas, a exemplo da literatura de cordel;
3. Desconsidera alternativas de desenvolvimento territorial, como o ecoturismo impulsionado pelo Geoparque Seridó (reconhecido pela UNESCO em 2022 como território de relevância mundial para a geoconservação, a educação e o desenvolvimento sustentável).

Essa lacuna perceptiva revela uma desconexão entre o ensino da Geografia na Educação Básica e as múltiplas dimensões (econômicas, culturais e ambientais) do semiárido discutidas na atualidade.

A imagem que os alunos demonstram ter da região semiárida é muito vaga, não havendo uma articulação entre as informações estudadas nos livros didáticos e a realidade dessa região. O semiárido é aquela “região distante”, das páginas dos livros, das notícias dos telejornais, não havendo a articulação necessária dos conceitos geográficos para identificar o território potiguar como parte da região semiárida.

Destarte, podemos inferir que o conceito geográfico associado ao semiárido pelos alunos é o de região, tradicionalmente trabalhado nos livros didáticos e que até certo ponto reforça o imaginário de homogeneidade seco e árido associado pelos discentes ao semiárido. Sendo necessário pensar em outras possibilidades para tratar do semiárido em sala de aula, tendo em vista que as informações contidas nos livros didáticos nem sempre são eficientes para trabalhar uma dada realidade.

Referências

- CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CARNEIRO, E. R. **Semiárido: lugar de cultura e turismo**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br>. Acesso em: 07 fev. 2025.
- CASTRO, S. M. **Caracterização da apicultura no semiárido potiguar: uma análise das perspectivas atuais e futuras**. 2023. Dissertação (Mestrado em Produção Animal) - Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C.; NESTOR, A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 35-46.
- CAVALCANTI, L. S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. 2010. In: **Anais...** I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CAVALCANTI, L. S. A Ensinar geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, p. 193-203, 2011. Disponível em: <https://nepeg.com>. Acesso em: 27 abr. 2025.

DINIZ, P. C. O.; PIRAUX, M. Das intervenções de combate à seca às ações de convivência com o semiárido: trajetória de ‘experimentalismo institucional’ no semiárido brasileiro. **Cadernos De Estudos Sociais**, v. 26, n. 2, p. 227- 238, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br>. Acesso em: 09 fev. 2025.

HOFSTATTER, L. J. V.; OLIVEIRA, H. T. de; SOUTO, F. J, B. Uma contribuição da educação ambiental crítica para (des)construção do olhar sobre a seca no semiárido baiano. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 22, n. 3, p. 615-633, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 07 fev. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO – INSA. **Delimitação do semiárido potiguar**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/insa/pt-br>. Acesso em: 05 fev. 2025.

KAERCHER, N. A. A geografia é nosso dia a dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p. 109-116, 1996. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MELO, P. P. A importância dos estudos climáticos para a história ambiental. **Cadernos de História**, v. 8, n. 8, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br>. Acesso em: 08 fev. 2025.

MENESES, V. F. “Saudade e rusticidade”: a convivência com o semiárido entre grandes pecuaristas do Nordeste. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 55, p. 354-380, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 07 fev. 2025.

MOTA, F. A. Múltiplos espaços para o exercício da contextualização. In: REIS, E. S. (Coord). **Caderno Multidisciplinar: Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro**. Juazeiro: RESAB, 2009, p. 53 – 68.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Geociências e Geoparques Mundiais da UNESCO no Brasil**. UNESCO, 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/node/104598>. Acesso em: 07 fev. 2025.

PEREIRA NETO, M. C.; SARAIVA, A. L. B. da C. (Org.). **Geografia do semiárido potiguar: perspectivas geoambientais para o reconhecimento e planejamento do território**. [recurso eletrônico]. Mossoró: EDUERN, 2020.

PEREIRA, S. As representações territoriais e o processo de gestão do semiárido brasileiro (Sertão), 1985-2016. **L’Ordinaire des Amériques**, n. 221, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/orda/3032>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SANTOS, M. A. P. dos. A percepção Ambiental como ferramenta estratégica de gestão em unidades de conservação. **Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação**, Niterói, v. 8, n.13. p. 42-50, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br>. Acesso em: 08 fev. 2025.

SIMAS, L. S.; PAIVA, C. C. S. O sertão semiárido nas lentes de “o quinze: travessia”. In: I Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido, Campina Grande, 2016. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Editora Realize, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br>. Acesso em 07 fev. 2025.

SILVA, R. M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 09 fev. 2025.

SILVA, A. B. da; ALBINO, M. do N.; RAMALHO, M. F. J. L. A percepção ambiental enquanto ferramenta para pensar o meio no ensino de geografia. **Geografias**, v. 17, n. 1, p. 24-59, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br>. Acesso em: 07 fev. 2025.

SILVA, A. B. da; CAMELO, G. L. P. A percepção ambiental como ferramenta de análise no estudo dos impactos da atividade agrícola no município de Pitumbu/PB. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 28, p. 1-25, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acesso em: 07 fev. 2025.

SILVA, R. S.; SARTORI, M. G. B.; WOLLMANN, C. A. Processos cognitivos envolvidos na percepção do risco na paisagem: o caso dos moradores da cidade de Santa Maria – RS. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, n. 2, p. 3117–3127, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acesso em: 07 fev. 2025.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

Recebido em: julho de 2025
Aceito em: outubro de 2025